



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CÂMPUS DE AQUIDAUANA
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS/ESPAÑHOL

JUSLEY MARTINS REGINALDO PEIXOTO

**O ENSINO DA LÍNGUA TERENA NA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA PASCOAL
LEITE DIAS: UMA (RE)CONQUISTA**

AQUIDAUANA – MS

2024



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



JUSLEY MARTINS REGINALDO PEIXOTO

**O ENSINO DA LÍNGUA TERENA NA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA PASCOAL
LEITE DIAS: UMA (RE)CONQUISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência do curso de graduação em Licenciatura em Letras, habilitação em Português/Espanhol, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação da Prof^a Dr^a Facunda Concepción Mongelos Silva.

AQUIDAUANA-MS

2024



FOLHA DE APROVAÇÃO

JUSLEY MARTINS REGINALDO PEIXOTO

O ENSINO DA LÍNGUA TERENA NA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA PASCOAL
LEITE DIAS: UMA (RE)CONQUISTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência do curso de Graduação em Licenciatura em Letras, habilitação em Português e Espanhol, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação da Prof^a Dr^a. Facunda Concepción Mongelos Silva.

Resultado: _____

Aquidauana, MS, 09 dezembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora:

Prof^a Dr^a Facunda Concepción Mongelos Silva (UFMS-CPAQ)

Prof. Dr. Bruno Roberto Nantes Araujo (UFMS-CPAQ)

Prof^a Dr^a Rejane de Aquino Souza (UFMS-CPAQ)



AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela sabedoria, forças e bênçãos, pois sem Ele eu não teria capacidade para desenvolver este trabalho.

Aos meus familiares, meu pai Jonas Reginaldo, que incansavelmente me incentivou a não desistir. Meus irmãos Jeane, Jônathas e Tafnes, meus primos, tios, avós e amigos que sempre me apoiaram na minha trajetória de estudos desde as séries iniciais até o presente momento.

Ao meu esposo Delso Carlos Peixoto, as minhas filhas Allany Híne e Naty Sêno, que estiveram sempre presentes, me apoiando, incentivando e acompanhavam no que foi necessário.

A professora Dr^a Facunda Concepcion Mongelos Silva, minha orientadora, fundamental na minha formação acadêmica, pelo apoio e incentivo, pelo acompanhamento e orientações na elaboração do trabalho.

As pessoas da minha aldeia Limão Verde, anciãos, professores, diretores, colegas de trabalho, alunos que participaram nesta pesquisa, bem como aos responsáveis pela escola que me permitiram trabalhar.

A todos os colegas e professores do Curso de Letras da UFMS de Aquidauana, pelas discussões e reflexões que foram fundamentais para minha vida acadêmica.



RESUMO

Este estudo aborda sobre a implantação da Língua Terena no ensino médio na Escola Pascoal Leite Dias. Trata-se de um estudo cujo objetivo é investigar os efeitos causados na Aldeia Limão Verde, no Município de Aquidauana Mato Grosso do Sul, com a (re)conquista do ensino da Língua Terena no ensino médio da Escola Pascoal Leite Dias bem como descrever a (re)conquista do ensino da Língua Terena na instituição de ensino; refletir sobre a necessidade e a importância do ensino da Língua Terena na escola; incentivar a prática na fala da Língua Terena. Para isso, utilizamos uma abordagem qualitativa tendo como instrumento as entrevistas semiestruturadas realizadas com os membros da comunidade e com os alunos do ensino médio da escola. Constatou-se que apesar dos desafios enfrentados, como relataram os professores e os alunos entrevistados, a (re)existência vem ganhando força com essa nova visão dos mais jovens, o incentivo dos anciões, professores, lideranças como a população dessa comunidade, em revitalizar a cultura terena na aldeia Limão Verde.

Palavras-chave: Implantação da língua terena; Reconquista; Ensino da língua terena.



RESUMEN

Este estudio aborda la implementación de la lengua terena en la educación secundaria en la Escuela Estadual Pascoal Leite Dias. Este es un estudio cuyo objetivo es investigar los efectos causados en la comunidad por la (re)conquista de la enseñanza de la lengua terena en la enseñanza media de la Escuela Estadual Pascoal Leite Dias, así como describir la (re)conquista de la enseñanza de la lengua terena. La lengua terena en la Escuela Indígena Pascoal Leite Dias; reflexionar sobre la necesidad e importancia de la enseñanza de la lengua terena en la escuela; fomentar la práctica del habla del idioma terena. Para ello, utilizamos un enfoque cualitativo mediante entrevistas semiabiertas a miembros de la comunidad y estudiantes de secundaria de la escuela. Se encontró que a pesar de los desafíos enfrentados, según lo relatado por los docentes y estudiantes entrevistados, la (re)existencia ha ido tomando fuerza con esta nueva visión de los más jóvenes, el estímulo de los mayores, docentes, líderes y la población de esta comunidad, en revitalización de la cultura local en la Aldea de Limão Verde.

Palabras-clave: Implantación de la lengua terena; Reconquista; Enseñanza de la lengua terena.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
CAPÍTULO 1: MÉTODO	5
1.1 OBJETIVOS	5
1.1.1 Objetivo Geral	5
1.2 Objetivos Específicos.....	5
1.2 METODOLOGIA	5
CAPÍTULO II: LÍNGUA: UM INSTRUMENTO DE CONSTITUIÇÃO SOCIAL E CULTURAL	7
CAPÍTULO III: REFLETIR COM O PENSAMENTO DECOLONIAL	10
3.1 A LÍNGUA TERENA.....	13
CAPÍTULO IV: A REALIDADE DO ENSINO DA LÍNGUA TERENA NA ESCOLA PASCOAL LEITE DIAS.	15
4.1 Um Breve Relato da Escola Pascoal Leite Dias.....	15
4.2 Entrevistas: um diálogo com os membros da comunidade e com a comunidade escolar.....	15
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	26

INTRODUÇÃO

No Brasil há muitas riquezas, entre elas as mais diversas línguas indígenas existentes. São frequentes as lutas pelo reconhecimento de uma identidade indígena que integram reivindicações de "resgate de uma língua própria" (LADEIRA, 2001).

Sou indígena da etnia terena, natural de Aquidauana/MS, moro na Terra Indígena Limão Verde desde que nasci. Infelizmente, não sou falante da Língua Terena, assim como a maior parte da população da minha comunidade.

Hall (2003) aborda acerca dos povos jamaicanos em território britânico, no entanto, podemos aplicar esse entendimento com o Povo Terena, que busca reafirmar a identidade terena. Pois, a língua materna do povo jamaicano, assim como, de outros povos tradicionais da terra foi silenciada pelos colonizadores europeus por não ser considerado uma língua e sim um simples dialeto (MELIÁ, 1983). Assim, desde a chegada desses colonizadores que ao apossar-se do Novo Continente (América Latina), houve muita perda da cultura dos povos moradores desse continente, por serem considerados povos sem cultura, iletrados, inferiores, nesse contexto, houve um desprestígio pela cultura, pela língua, pelo seu modo de viver. Tais preconceitos, ainda encontramos atualmente, é resquício do colonialismo, em outras palavras, ao deixar de falar a sua língua materna, o povo terena perde um elemento importante de sua cultura.

Desse modo, discorro sobre a minha comunidade indígena, da Aldeia Limão Verde, na qual os moradores mais jovens não fazem uso da língua de seus avós. Diante disso, busco investigar o ensino da língua terena na minha aldeia, para isso, apresento a pesquisa intitulada "O Ensino da Língua Terena na Escola Estadual Indígena: uma (re)conquista". O objetivo geral busca Investigar os efeitos causados na comunidade com a (re)conquista do ensino da língua terena na Escola do Ensino Médio Pascoal Leite Dias, localizada na Aldeia Limão Verde, no município de Aquidauana/MS. Os objetivos específicos, buscam descrever a (re)conquista do ensino da língua terena na Escola Indígena do Ensino Médio Pascoal Leite Dias; refletir sobre a necessidade e a importância do ensino da língua terena na escola; incentivar a prática na fala da Língua Terena. Mesmo com a implantação da língua terena nessa instituição pública, numa aldeia indígena, ele enfrenta alguns desafios, por exemplo, a falta de materiais didáticos específicos além de formação de professores bilíngues e apoio institucional.

As discussões e dados expostos nesse trabalho referem-se a entrevistas semiestruturadas junto aos anciões, lideranças, professores e alunos na escola da comunidade Limão Verde. A escolha dessas pessoas deveu-se ao fato de que vivenciam e/ou vivenciaram o processo histórico da discussão e organização da educação e ensino na aldeia.

A metodologia utilizada na pesquisa foi qualitativa com entrevistas semiestruturadas que constou com entrevistas realizadas na Escola Estadual Indígena Pascoal Leite Dias, na Aldeia Limão Verde, em que participaram sete pessoas. Foi feito o convite aos participantes para a entrevista em uma visita feita para apresentar proposta do trabalho realizado. Dessa forma foram agendados com cada participante, uma data e horário de acordo com a disponibilidade de cada um

Para entender o processo de construção deste trabalho, organizamos em Introdução, Capítulos I, II, III e IV, considerações finais e as referências. No Capítulo I, apresentamos o método e a metodologia do nosso trabalho. No Capítulo II, abordamos uma breve contextualização sobre conceitos de língua e concepção de linguagens. No Capítulo III, abordamos o pensamento dos decoloniais com relação a identidade cultural. No Capítulo IV, descreve a realidade do ensino da língua Terena na Escola Estadual Indígena Pascoal Leite Dias e nas Considerações finais retomamos o nosso trabalho e apresentamos o resultado deste estudo.

No próximo capítulo, apresentamos o método e a metodologia utilizada neste trabalho.

CAPÍTULO 1: MÉTODO

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

O Objetivo geral averiguou: Investigar os efeitos causados na comunidade com a reconquista do ensino da língua terena na Escola do Ensino Médio Pascoal Leite Dias, localizada na Aldeia Limão Verde no município de Aquidauana/MS.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Descrever a (re)conquista do ensino da língua terena na Escola Indígena Pascoal Leite Dias no ensino médio;
- Refletir sobre a necessidade e a importância do ensino da língua terena na escola;
- Incentivar a prática na fala da Língua Terena.

A seguir, descrevemos a metodologia aplicada para a realização da pesquisa na comunidade e na escola supracitada.

1.2 METODOLOGIA

O procedimento metodológico deste trabalho baseamos na pesquisa qualitativa com entrevistas semiestruturadas realizadas na Escola Estadual Indígena Pascoal Leite Dias como na comunidade Limão Verde, localizada no Município de Aquidauana Mato Grosso do Sul, em que, participaram sete pessoas. Como foram realizadas entrevistas semiestruturadas, desse modo, foram elaboradas perguntas semiabertas para os participantes, afim, de obter as respostas necessárias, para atender os nossos objetivos. Para isso, buscamos apoio em Paraíso (2004) e Meyer e Paraíso (2014). As autoras abordam as correntes teórica pós-críticas, pois para elas, essa corrente permite aos pesquisadores uma maior liberdade em atuar na sua pesquisa. Em outras palavras, os pesquisadores discutem e articulam contribuições de vários autores de diferentes campos teóricos e assim produzir conhecimentos fora da lógica da modernidade e da colonialidade.

Assim, entrevistamos dois professores que atuam na escola do ensino médio, sendo dois anciões, dois estudantes numa faixa etária entre 16 a 18 anos, e um líder da comunidade. Antes de iniciar as entrevistas foi informado aos entrevistados que, o nome verdadeiro não seria exposto neste trabalho, e que também a entrevista seria gravada e as respostas seriam utilizados

na íntegra no texto. Todos concordaram de forma amigável. Assim, as entrevistas ocorreram como um diálogo, tranquilo.

No próximo capítulo, apresentamos o conceito de língua e concepção de linguagem na concepção de Castilho (1978-1980), Neder e Possari (2021), Leffa e Irala (2014), como também a situação atual da língua terena na aldeia Limão Verde, situada a 24 km do Município de Aquidauana/MS.

CAPÍTULO II: LÍNGUA: UM INSTRUMENTO DE CONSTITUIÇÃO SOCIAL E CULTURAL

Neste capítulo, discorreremos sobre o conceito de língua e linguagem na concepção de Castilho (1978-1980), Nerder e Possari (2021) e Leffa e Irala (2014).

Segundo Castilho (1978-1980), não existe uma definição exata para a língua, é necessário que haja estudos, muitas reflexões para entendê-la. São vários fatores que a compõe, tais como mentais, sociais, gramaticais. Para cada fator há um ponto de vista diferente de quem está analisando.

Para Neder e Possari (2021), é necessário entender a busca pela compreensão da língua não deve cessar, pois, a linguagem é uma prática da realidade e não atua sozinha, é preciso que esteja ligada a cultura e ao pensamento, influenciando uma a outra. "A linguagem deve ser compreendida, portanto, como uma prática social que se fundamenta em determinações materiais, isto é, no modo de vida das pessoas e/ou grupos", de acordo com o pensamento de Neder e Possari (2021).

Observa-se que o contexto analisado por Leffa e Irala (2014), objetivou explorar conceitos e práticas metodológicas no ensino de línguas adicionais, abordando três áreas principais: pedagogia crítica, conceito de língua adicional e pedagogia de projetos.

Assim, os autores apontam que a pedagogia crítica rompe com abordagens tradicionais que tratam a língua como um sistema isolado, ao invés disso, considera-a um instrumento de constituição social e cultural. Trazendo para o contexto da aprendizagem da língua Terena, verifica-se que isso implicaria na valorização não só da gramática ou o vocabulário, mas também as práticas culturais e os contextos comunitários nos quais a língua é vivida. Nesse contexto, a perspectiva crítica permite que a língua Terena seja vista como um elemento essencial de resistência cultural e fortalecimento identitário.

Assim para a abordagem de uma língua adicional, pode proporcionar a redefinição da relação entre a língua materna e outras línguas aprendidas. No caso da Língua Terena, a ideia é central foi promover uma convivência pacífica e complementar entre o Terena e o português. O foco não é substituir uma pela outra, mas integrar os usos das duas, atendendo às necessidades específicas dos aprendizes e das comunidades. Para o aprendizado de línguas, é necessário que

seja contextualizado por meio de projetos significativos para os alunos. Para a língua Terena, isso pode significar a criação de materiais pedagógicos como histórias orais transcritas, músicas e representações culturais, conectando os aprendizes à sua realidade sociocultural, assim, o ensino da Língua Terena estaria intimamente ligado ao reconhecimento do contexto sociocultural dos alunos.

Devemos compreender que a língua é mais do que um instrumento de comunicação, é também um marcador de identidade. Dessa forma, a aprendizagem da língua terena nas escolas contribui para que os alunos reafirmem sua identidade étnica e se conectem às práticas culturais de seu povo.

Nesse contexto, as abordagens “instrucionistas” que veem o professor como mediador de conteúdo. No caso do ensino da língua terena, é necessário adotar um modelo participativo, no qual os alunos constroem ativamente o conhecimento linguístico, resgatando tradições orais e contribuindo para sua preservação. Em outras palavras, o/a professor/a da língua terena deve ser um/a nativo/a falantes dessa língua para revitalizar a cultura terena juntamente com os aprendizes da mesma.

Dessa maneira, destacamos a importância das propostas metodológicas assim como, projetos culturais, uso de recursos tecnológicos, abordagem de questões políticas e sociais relacionadas à marginalização das comunidades indígenas, para que os alunos desenvolvam uma consciência crítica sobre suas histórias e realidades. Por conseguinte, a adoção de abordagens críticas, contextualizadas e baseadas em projetos pode transformar o ensino da língua terena em um modelo de preservação e revitalização cultural.

2.1 A LÍNGUA TERENA

Neste subtópico, apresentamos o Povo Terena que é um povo falante da língua de família linguística Aruák. No Mato Grosso do Sul, existem várias aldeias da etnia terena, localizadas próximas às cidades de Aquidauana, Miranda, Nioaque, Dois irmãos do Buriti, Sidrolândia, entre outros. Mas, nem todas são iguais quando se trata no número de falantes. Algumas aldeias, exemplo a Aldeia Cachoeirinha localizada no município de Miranda/MS, todos os membros da comunidade são falantes da língua terena. No entanto, na minha

comunidade, Aldeia Limão Verde, somente os anciões são fluentes no nosso idioma. Atualmente, a população da comunidade Terra Indígena Limão Verde, tem se mobilizado e empenhado em resgatar a fala da língua terena, principalmente, para os mais jovens que já não são falantes da mesma. As escolas de ensino básico, tanto da rede municipal, quanto da rede estadual, têm os projetos políticos pedagógicos reelaboradas pelos indígenas da nossa própria comunidade, para que tenham currículos e projetos pedagógicos de acordo com a realidade desta aldeia.

A (re)conquista da língua terena, é de suma importância para nosso povo, pois, estamos vivenciando a perda de muitos anciões falantes da nossa língua. Temos crianças e jovens dispostos a aprender, e compreender a importância da nossa língua materna, já é um avanço para nós.

Até o momento, compreendemos que a língua não é estática, pois a língua sofre alterações, ela evolui constantemente com a sociedade, assim como os sujeitos falantes das línguas. Pois a língua acompanha as evoluções com a globalização.

No próximo capítulo, discorreremos sobre o pensamento decolonial sob a visão de autores, Hall (2000), Mignolo (2008) e Castro Gómez (2005), assim como o povo vem buscando a (re)existir onde a população mais jovem já não é mais falante da língua terena. No próximo capítulo, apresentamos o pensamento decolonial que colaborou para contextualizar a busca pela (re)conquista da língua terena.

CAPÍTULO III: REFLETIR COM O PENSAMENTO DECOLONIAL

Neste capítulo, apresentamos o pensamento crítico dos autores relacionados à identidade cultural, autores estes como, Hall (2000), Mignolo (2008) e Castro Gómez (2005). Tais autores abordam temas relacionadas aos povos marginalizados pela forma eurocêntrica de conhecimento, em outras palavras, para os colonizadores europeus, não há conhecimento científico dentro de uma comunidade indígena, dentre outras.

Silva (2023) apresenta o “pensamento decolonial” dos autores que dialogam com esse pensamento na América Latina, a seguir:

A proposta do “pensamento decolonial” é uma pretensão emancipatória que almeja superar o pensamento moderno/colonial. Para isso, os pesquisadores do grupo propõem uma nova perspectiva sobre os fenômenos globais, buscam a emancipação, o fim da opressão e da dominação e o fortalecimento dos sujeitos subalternizados e silenciados pela modernidade europeia. (SILVA, 2023, p. 22).

Dessa maneira, para a discussão acerca da inclusão da língua terena, buscamos o entendimento dos autores decoloniais como Hall (2000) Mignolo (2008), Castro-Gómez (2005) dentre outros. Assim, o desejo pela inclusão da língua terena no currículo escolar que está diretamente relacionada à valorização da identidade cultural e ao reconhecimento da diferença étnica, e ao incorporar práticas linguísticas indígenas no contexto educacional, buscamos fortalecer a autoestima das comunidades indígenas, preservar a língua e cultura ameaçadas pela hegemonia do português e promover um espaço de resistência cultural, em outras palavras, a etnia terena da comunidade indígena da Aldeia Limão Verde busca resgatar um elemento silenciado com a imposição da língua portuguesa, resquício do colonialismo.

Hall (2000) pontua dentro desse contexto: a identidade cultural, que no caso dos Terena, ao ensinar a Língua Terena na escola, busca reforçar sua identidade cultural, pois a inclusão da língua Terena no ensino regular desafia a imposição de valores dominantes, como o monolinguismo em português. Já Woodward (2000) traz a reflexão das diferenças, onde a mesma não deve ser vista como ausência ou déficit, mas como algo constitutivo da identidade.

No contexto da aprendizagem escolar, respeitar a diferença linguística significa validar o papel da língua indígena como uma riqueza cultural.

Na concepção de Hall (2003), a identidade cultural é construída socialmente, nesse contexto, implementação da Língua Terena na escola, corrobora com o aprendizado em contexto escolar, pois permite às crianças e jovens se reconhecerem como parte de uma coletividade com valores, histórias e práticas próprias, reforçando a identidade Terena frente a pressões. Na escola, o ensino da língua Terena cria um espaço onde a diferença não é vista como barreira, mas como elemento de fortalecimento cultural e pedagógico, desafiando a norma de um currículo uniformizador. A predominância do português nas escolas reflete a hegemonia cultural e linguística do Estado. A inclusão da Língua Terena é um ato político que reafirma o valor de culturas marginalizadas, alinhando-se com as críticas de Hall à homogeneização cultural.

Nesse contexto, a inserção do ensino da Língua Terena na Escola Estadual Indígena Pascoal Leite Dias, enfrenta desafios como a falta de materiais didáticos específicos, formação de professores bilíngues e apoio institucional consistente. Assim, na esteira de Hall (2003) e Woodward (2005), esses desafios são expressões da luta contínua contra a hegemonia e a marginalização cultural, evidenciando a necessidade de políticas públicas inclusivas.

Desse modo, a proposta educativa alinhada ao ensino da língua Terena representa um modelo de educação intercultural, que, segundo Hall (2003) e Woodward (2000), valoriza o diálogo entre culturas. Essa abordagem fomenta não apenas o respeito pela diversidade, mas também a transformação dos sujeitos envolvidos, sejam eles indígenas ou não indígenas.

Ao correlacionar a temática discutida (Língua Terena) com os pensamentos de Hall (2003) e Woodward (2000), podemos entender que a inclusão da Língua Terena na escola exemplifica como práticas educacionais podem transformar relações de identidade e diferença, o fortalecimento da identidade cultural por meio do ensino bilíngue é uma forma de resistir à homogeneização cultural e de promover uma sociedade equitativa.

Para o autor Mignolo (2008), existe a necessidade da desvinculação dos pensamentos europeus, possibilitando a ampliação do conhecimento. Esse conceito pode ser correlacionado à necessidade de revitalizar a Língua Terena, uma vez que sua inserção no âmbito educacional

é uma forma de resistência à hegemonia linguística colonial e de valorização dos saberes locais. A desobediência epistêmica citada no texto propõe a construções de epistemologias decoloniais baseadas nas identidades e saberes das populações historicamente marginalizadas como os indígenas, negros, dentre outros.

Dessa maneira, a pluralidade defendida por Mignolo (2008) pressupõe a coexistência de diferentes sistemas de conhecimento, assim, o ensino da Língua Terena em escolas é um exemplo concreto de pluriversalidade, permitindo que os estudantes terena aprendam tanto a partir de suas categorias culturais quanto das categorias ocidentais. A questão da identidade em política é outro fator considerado crucial para a descolonização dos discursos hegemônicos. Assim, com a (re)conquista, ou seja, com o aprendizado da língua de seus avós, vem para fortalecer a identidade cultural e política do povo Terena, pois reafirma sua presença e agência no cenário educacional e social.

No entendimento de Mignolo (2008), as línguas são instrumentos de poder e resistência. No caso da Língua Terena carrega em si cosmovisões, histórias e modos de ser que foram marginalizados pelo colonialismo. Ao promover o aprendizado dessa língua, desafia-se a colonialidade do saber que impõe o monolinguismo como norma. Esse aprendizado linguístico também pode ser visto como um processo pedagógico de desaprender a hierarquia linguística colonial e reaprender, isto é, (re)conquistar os valores e significados da cultura Terena.

Ao trazer a descolonização linguística para o segmento pedagógico, o autor Mignolo (2008), evidencia que a aprendizagem da língua materna, pode contribuir para a promoção do diálogo entre os conhecimentos ocidentais, no caso do povo Terena é os saberes tradicionais. Compreender que a inclusão da língua Terena na educação formal não é apenas uma ação cultural, mas também política, ao garantir que as crianças Terena aprendam sobre sua própria história e cultura com autonomia.

Dessa forma, a aprendizagem da língua Terena evidencia como as epistemologias decoloniais podem transformar a educação em uma ferramenta de resistência e valorização cultural. Destarte, a inclusão da língua Terena no âmbito educacional é um exemplo prático de desobediência epistêmica, pois desafia a colonialidade do saber e promove a pluriversalidade como um caminho para a justiça epistêmica, na ótica de (MIGNHOLO, 2008).

Castro-Gómez (2005) analisa a modernidade onde cria-se a invenção do “outro”, que agora faz parte do contexto disciplinar de forma global, onde a relação entre colonialidade e saber transcende as implicações epistemológicas e políticas para a construção das ciências sociais e dos sistemas educacionais. Para o autor, a modernidade produziu um “outro” como contraparte para afirmar a identidade do sujeito europeu moderno, contudo, tal processo incluiu a marginalização de povos indígenas, considerando-os como primitivos. Trazendo para o contexto do ensino da língua Terena, esse fato reforçou a exclusão das línguas indígenas dos sistemas educacionais, tratando-as como inferiores ou desnecessárias.

Desse modo, as epistemologias ocidentais suprimiram outros saberes, impondo-se como uma norma universal, realizando uma violência epistêmica contra as demais línguas maternas que não fazem parte do eurocentrismo. Castro Gómez (2005) evidencia que a colonialidade não é apenas um evento histórico, mas um padrão de poder que persiste, controlando o acesso ao conhecimento. Dessa forma, podemos considerar que o ato de reintrodução da língua Terena no ambiente escolar é uma tentativa de romper com esse padrão, resgatando saberes locais e dando voz às culturas subalternizadas, silenciadas pelo colonialismo.

Ainda no conceito de Castro-Gómez (2005), o ensino da língua Terena representa uma resistência à invenção do “outro”, reafirmando a identidade dos povos Terena e combatendo a noção de inferioridade imposta pela colonialidade. Esse processo fortalece o pertencimento cultural e a autoestima dos estudantes. A incorporação da língua Terena no currículo escolar é uma forma de descolonização, pois privilegia saberes locais em detrimento da hegemonia linguística ocidental. Para isso, torna-se necessário desenvolver uma abordagem pedagógica que integre os saberes Terena aos conteúdos escolares, incluindo narrativas orais, histórias locais e práticas culturais no ensino da Língua Terena.

No entendimento de Castro-Gómez (2005), a produção de conhecimento deve estar vinculada às necessidades locais como na realidade do ensino da Língua Terena, isso, para envolver a criação de materiais didáticos bilíngues que valorizem a Língua e a Cultura Terena, e também na formação docente. Deve haver momentos de reflexão sobre a colonialidade do saber e o envolvimento relacionada ao ensino, incentivando práticas pedagógicas descolonizadoras. Assim, corrobora com uma base teórica para analisarmos a exclusão histórica das línguas indígenas e propor formas de superação por meio da educação. A reintrodução da

língua Terena no âmbito escolar deve ser vista como uma prática descolonizadora que combate a violência epistêmica e fortalece as identidades locais, promovendo a construção de um currículo verdadeiramente intercultural e pluriversal.

O autor Meliá (1983), antropólogo que se dedicou aos estudos culturais do Povo Guarani situado no Paraguai. A língua faz parte da história do povo Guarani, e considera a linguagem fundamental para conhecer a formação da nação Guarani, eles têm seu próprio estilo de vida, tem sua própria cultura. Meliá (1983). Da mesma forma trouxemos para o contexto do Povo Terena, pois, a Língua Terena faz parte da cultura, para se conhecer toda a história dos antepassados, não há como deixar de falar da língua terena, a importância dela para que a história do povo terena seja lembrada, e respeitada. E para que haja a (re)conquista, é preciso que haja o interesse em conhecer a formação da nação terena. O autor acima afirma: “La lengua de los indios que un día recibirán el nombre genérico de guaraní no está separada de su historia. Junto con las evidencias arqueológicas y algunos datos de la mitología es la lengua un elemento esencial para conocer la formación de la “nación guaraní”, Meliá (1983).

Na concepção de Walsh (2013), a colonização cultural tentou extinguir a cultura dos povos tradicionais da terra americana (América Latina). Refletindo sobre os povos originários do Brasil, foi exatamente isso que aconteceu com a chegada dos colonizadores portugueses no território brasileiro, impôs a cultura deles, tentando extinguir a cultura dos povos indígenas. Com a revitalização da cultura terena a resistência se torna cada vez mais fortalecida. A autora aborda sobre os povos andinos, tal pensamento trouxemos para contextualizar com povos tradicionais do Brasil, como o povo terena.

No Capítulo IV, último capítulo deste trabalho, apresentamos a realidade do ensino da língua terena na escola Pascoal Leite Dias no ensino médio.

CAPÍTULO IV: A REALIDADE DO ENSINO DA LÍNGUA TERENA NA ESCOLA PASCOAL LEITE DIAS.

Neste último capítulo, apresentamos a realidade do ensino da Língua Terena na Escola Pascoal Leite Dias no ensino médio e os efeitos causados depois que a Língua Terena passou a fazer parte da grade curricular na instituição de ensino dentro da comunidade Limão Verde.

4.1 Um Breve Relato da Escola Pascoal Leite Dias.

Em consulta ao Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Indígena do Ensino Médio Pascoal Leite Dias, colhemos os seguintes dados: localizada na Terra Indígena Limão Verde, município de Aquidauana, no estado de Mato Grosso do Sul. Criada no ano de 2005, conta atualmente com 61 alunos matriculados no 1º, 2º e 3º ano, e oferece o ensino integral, sendo que nesse ano de 2024 iniciou o curso de Agroecologia no 1º ano. Possui 17 professores, 2 (dois) coordenadores de área, 1 (um) coordenador pedagógico, 1 (uma) secretária, 1 (uma) diretora. O PPP foi reelaborado pelos próprios professores indígenas da Aldeia Limão Verde, onde busca além de atender a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Acredita-se na convivência do aluno com o saber tradicional da cultura terena, e ao mesmo tempo se apropriar de novos conhecimentos que possibilitem se tornar o protagonismo de suas ações, para a melhoria de sua comunidade, circular entre os dois saberes tradicional e os novos saberes no âmbito escolar e da comunidade.

A seguir, analisamos as entrevistas de acordo com os textos abordados nos capítulos II e III.

4.2 Entrevistas: um diálogo com os membros da comunidade e com a comunidade escolar

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas na Escola Pascoal Leite Dias no ensino médio, tal escola está localizada na Terra Indígena Limão Verde, no município de Aquidauana, no estado de Mato Grosso do Sul.

Desse modo, participaram das entrevistas semiestruturadas sete pessoas, das quais dois anciões da comunidade, um líder da comunidade, dois professores de língua terena e dois alunos

que estudam na escola da comunidade, Antes das entrevistas foram informados aos participantes que, o nome verdadeiro não seria exposto neste trabalho, e que também a entrevista seria gravada e as respostas seriam utilizadas na íntegra. Todos concordaram de forma amigável.

Assim, os primeiros participantes da entrevista são: dois anciões da aldeia e a pergunta feita a eles, foi da seguinte forma: Onde o senhor aprendeu a falar a Língua Terena? obtivemos a resposta do ancião 1: *“Na minha casa com a família”* e a do ancião 2: *“Meus pais são terena e não falavam o português. Nasci no meio de pessoas que só falavam a língua terena”*.

De acordo com as respostas dos participantes, vemos como a língua materna dos anciões persistem à colonialidade, como também pelo currículo escolar monolíngue. Em outras palavras, eles adquiriram a língua materna dos pais, no âmbito familiar com os pais falantes da língua terena. Não houve omissão da língua materna nem da cultura, ou seja, nas famílias desses participantes houve a preservação da língua materna. Desse modo, não houve o silenciamento desejado pelo colonialismo, no entendimento do pensamento decolonial.

A segunda pergunta feita aos anciões foi: Qual é a importância de preservar a Língua Terena? O participante 1 respondeu: *“Muitíssimo importante, assim posso conversar com as outras pessoas idosas, trocar experiência, lembrar muitas coisas que vivemos no passado e é um ensino que meus pais deixaram pra mim”*. E o participante 2 respondeu: *“É muito importante pois é a nossa cultura, cada povo fala seu idioma e nós terena temos que falar o nosso idioma. Eu sou terena e não vou deixar de falar a língua terena”*.

Ambos consideram muito importante a preservação da língua. De acordo com Meliá (1983), quando apresenta sua concepção sobre o povo guarani, da mesma forma reafirmo a importância de se conhecer a história do nosso povo e considerar a língua fundamental, para preservar a história e cultura do povo terena. Na concepção desses participantes, o povo terena deve continuar falante de sua língua, como já foi comentado no capítulo III, a língua é um elemento importante da cultura de um povo, nesse contexto, preservar a língua materna também preservamos a cultura terena, para manter viva a história, o canto dos anciões, dentre outros, no pensamentos dos decoloniais.

A terceira pergunta realizada foi: Na sua opinião, por que a nova geração já não é mais falante da Língua Terena? Participante 1: *“Por falta dos próprios pais incentivar falar língua materna”*. Participante 2: *“Porque na escola não tinha a língua terena. Os professores eram de fora, e davam aula em português”*.

Analisando a resposta 2, podemos observar a presença da imposição da colonização cultural, havia somente professores que falavam a língua portuguesa nas escolas indígenas. Ao refletir sobre esta questão é possível trazer à memória a concepção de Walsh (2013) quando no passado foi proibido o uso da fala dos povos tradicionais da terra, desse modo, a língua do colonizador passou a ser a língua oficial nesse novo continente (América Latina). Com essa proibição, houve um silenciamento desses povos, como já foi comentado, a língua é um elemento da cultura, assim, a língua terena também teve o seu silenciamento. Diante disso, a nova geração não fala a língua de seu povo, os pais também não são falantes, desse modo, carece de incentivo por parte dos pais para aprender a falar a língua materna de seus avós, para assim, revitalizar, (re)conquistar a língua terena para poder “resistir, (re)xistir e (re)viver”, no entendimento de Walsh (2013).

A quarta e penúltima pergunta realizada foi: O que deve ser feito para que haja o interesse por parte dos mais jovens em ser falante da Língua Terena? O participante 1 respondeu: *“Ensinar nossos filhos, netos a falar, conversar com eles no nosso idioma, mesmo que se não entenderam, temos que continuar a falar, assim vai passando para outras crianças que ainda vai vir”*. Já do participante 2 obtivemos a seguinte resposta: *“Todos os professores precisam aprender a falar e escrever na língua terena, é difícil, mas precisam aprender”*.

Tais respostas expressam opiniões diferentes, porém, as duas buscam o incentivo para motivar os mais jovens a aprender a língua terena. Para Leffa e Irala (2014), a abordagem de uma língua adicional, proporciona a redefinição da relação entre a língua materna e outras línguas aprendidas. Sendo assim, a ideia central é promover uma convivência pacífica e complementar entre a língua terena e a língua portuguesa. Não se trata de substituir uma pela outra, mas integrar os usos das duas, atendendo às necessidades específicas dos aprendizes e das comunidades, em outras palavras, as duas línguas podem conviver tranquilamente numa comunidade indígena.

A última pergunta para encerrar a entrevista com os anciões foi: Considera relevante o ensino da Língua Terena na educação básica? Por quê? O participante 1 respondeu: *“Deve fazer parte da escola, assim esses mais novos que estão estudando vão aprender com os professores também. Porque na etnia sentir orgulho da sua própria identidade como falante”*. O participante 2 respondeu: *“É muito importante ensinar nossas crianças a falar nosso idioma, não podemos deixar. Porque na escola é um lugar que os alunos podem aprender”*.

Nesse sentido, ao correlacionar o ensino da língua terena com os pensamentos de Hall (2000) e Woodward (2000), podemos entender que a inclusão da Língua Terena na escola exemplifica como práticas educacionais podem transformar relações de identidade cultural por meio do ensino bilíngue é uma forma de resistir à homogeneização cultural e de promover uma sociedade equitativa.

Na terceira entrevista, o nosso participante atua como liderança da comunidade indígena, foi feita a seguinte pergunta ao representante da comunidade: *“É falante da Língua Terena?”* Obtivemos a resposta: *“Não. Entendo algumas coisas ou palavras”*. Assim, na resposta dada pelo participante, ele também não é um falante da língua terena, apenas compreende algumas palavras. Como já foi comentado, o silenciamento dos povos tradicionais da terra, vem desde a colonização do Novo Mundo (América Latina), persiste nos dias atuais segundo Mignolo (2003).

Ainda com o nosso participante, líder da comunidade, realizamos outra pergunta: Tendo em vista a comunidade onde a nova geração já não é mais falante da Língua Terena. Quais são as dificuldades que hoje interferem? Assim, o participante nos deu a seguinte resposta: *“Bom, meu pai é falante e diz ele que não me ensinou, porque eu ia ter dificuldade na escola e no dia a dia. Mas, hoje, eu vejo a necessidade de aprender a falar a Língua Terena e a dificuldade de aprender”*. Diante da fala do participante, percebe-se que o seu pai era falante da língua terena, no entanto, não o ensinou a falar a língua materna de seus pais, desse modo, ele não adquiriu essa língua no âmbito familiar. De acordo com os conceitos da língua, a criança pode adquirir a língua materna em casa, com sua família. No caso da etnia terena, a aquisição dessa língua, pode ocorrer em casa ou na comunidade falante dessa língua, entretanto, isso não tem ocorrido nas comunidades indígenas. Como já foi comentado, a nova geração não é falante da língua terena devido ao monolinguismo nas escolas, ou seja, a hegemonia da língua portuguesa como

também os pais já não são falantes da língua materna, leva a desmotivação em falar a língua de seus ancestrais, além do preconceito em falar a língua dos povos tradicionais da terra, ainda um resquício do período colonial, sob a ótica dos autores decoloniais.

Nesse contexto, de acordo com o pensamento de Mignolo (2008), as línguas são instrumentos de poder e resistência. No caso da Língua Terena carrega em si cosmovisões, histórias e modos de ser que foram marginalizados pelo colonialismo. Ao promover o aprendizado dessa língua, desafia-se a colonialidade do saber que impõe o monolingüismo como norma. Esse aprendizado linguístico também pode ser visto como um processo pedagógico de desaprender a hierarquia linguística colonial e reaprender os valores e significados da cultura Terena. Assim, devemos buscar romper com o que foi imposto para nós e recuperar, (re)conquistar o que outrora nos foi proibido, silenciado.

Em seguida, realizamos a seguinte pergunta: O que acredita ser necessário fazer para despertar o interesse dos mais jovens ao resgate da Língua Terena nesta comunidade? Obtivemos a seguinte resposta: *“Na minha opinião, penso que os pais tinham que ensinar desde o berço. Porque depois de grande vejo a dificuldade. Porque o aluno aprende na escola e ninguém mais fala com ele, só no outro dia, esquece, agora todo o dia ouvindo a pessoa grava na mente as palavras, o significado”*. Analisando a resposta obtida, ele considera ser importante ensinar desde pequeno, em casa. Do mesmo modo foi com os anciões que hoje são falantes, aprenderam desde pequenos. Mas, não impede de se aprender pois quem quer aprender e se dedicar consegue. Temos casos de professores que aprenderam na vida adulta, quando se viu na necessidade de aprender. Sob a ótica de Hall (2003), a identidade cultural é construída socialmente. Nesse contexto, a revitalização da língua Terena na escola, revitaliza o aprendizado em contexto escolar, pois permite às crianças e jovens se reconhecerem como parte de uma coletividade com valores, histórias e práticas próprias, reforçando a identidade Terena frente a pressões.

Posteriormente, a última pergunta dessa entrevista foi feita: Como tem visto o ensino da Língua Terena em uma instituição de ensino dentro da comunidade? E o líder entrevistado disse: *“Muito bom! Gera um emprego para os professores, e as aulas tem sido frequentes. Já, para aluno, é importante para entender palavras, escrever e também a valorizar e resgatar a nossa cultura”*.

Como já afirmado no capítulo II, pode-se perceber que a discussão sobre a inclusão da língua Terena no currículo escolar está diretamente relacionada à valorização da identidade cultural e ao reconhecimento da diferença étnica, ao incorporar práticas linguísticas indígenas no contexto educativo busca-se fortalecer a autoestima das comunidades indígenas, preservar a língua e cultura ameaçadas pela hegemonia do português e promover um espaço de resistência cultural, na concepção dos Decoloniais. Podemos considerar que o ato de reintrodução da língua Terena no ambiente escolar é uma tentativa de romper com esse padrão, resgatando saberes locais e dando voz às culturas subalternizadas, silenciadas pelo colonialismo, na concepção de CASTRO-GÓMEZ, (2005).

A quarta e a quinta entrevista foram realizadas com dois professores que atuam no ensino da língua terena na rede de ensino básica: Desde quando é falante da Língua Terena? Onde e com quem aprendeu? Professor 1 respondeu: *“Desde a minha infância eu aprendi a falar a língua terena. Eu aprendi com os meus pais e convivendo com as pessoas falante da língua terena.”* E o professor 2 respondeu: *“Aprendi desde a minha infância, a minha língua materna mesmo é a língua terena mesmo, eu só aprendi a língua portuguesa aos nove anos de idade, até essa idade, eu só falava a língua terena. Porque os meus pais não falavam a língua portuguesa.”* Ambos responderam que aprenderam desde a infância, com os pais. Podemos observar que, tanto para os anciões, como para esses professores, a língua materna ainda resiste à colonialidade. Eles também adquiriram a língua materna dos pais, no âmbito familiar com os pais falantes da língua terena. Da mesma forma, não houve omissão da língua materna nem da cultura, ou seja, nas famílias desses participantes houve a preservação da língua materna. Desse modo, não houve o silenciamento desejado pelo colonialismo.

Dando continuidade com as entrevistas, realizamos uma outra pergunta: Há quanto tempo trabalha no ensino da Língua Terena? Professor 1: *“Comecei em sala de aula no ensino da língua terena neste ano de 2024, primeiro ano de experiência”.* E o Professor 2: *“Eu trabalho no ensino da língua terena, desde o ano 2000, em uma turma de magistério para o contexto indígena. Desde então, não parei mais de trabalhar, sempre dando aula, escrevendo alguns conteúdos, até que cheguei ao ponto de fazer alguns livros pra gente ter o básico para o nosso trabalho de língua terena”.* De acordo com as respostas, há uma diferença no tempo de trabalho de cada professor. Enquanto o professor 1 está praticamente começando a atuar no ensino da língua terena, o professor 2, possui uma vasta experiência na área. No entendimento de Castro-

Gómez (2005), podemos considerar que o ato de reintrodução da língua Terena no ambiente escolar é uma tentativa de romper com esse padrão, resgatando saberes locais e dando voz às culturas subalternizadas, silenciadas pelo colonialismo. Desse modo, com a revitalização/(re)conquista da língua materna do povo terena, também revitalizamos outros elementos da cultura, devido à imposição da cultura hegemônica que silenciou não só a voz do povo terena como também de outros povos do continente americano (América Latina).

A terceira pergunta foi feita da seguinte maneira para os participantes: Quais desafios tem enfrentado para ensinar a Língua Terena dentro da educação básica? Professor 1: *“É a falta de uma estrutura melhor onde os materiais da cultura poderia ser mostrado para os alunos com nomes em língua terena fixado em cada material”*. Professor 2: *“O maior desafio, é que não temos material de apoio, não temos livros didáticos, diferente de quando a gente pega os de língua portuguesa, matemática, já vem tudo orientado pela secretaria de educação seja municipal ou estadual. E a Língua Terena é diferente, o professor precisa ser criativo. Mais, Graças a Deus nós já temos alguns livros, um pouco que seja, mas já temos, pra gente caminhar com as nossas aulas de Língua Terena”*. Assim, alinhando-se com as críticas de Hall à homogeneização cultural, quanto à inserção do ensino da Língua Terena na escola, enfrenta desafios como a falta de materiais didáticos específicos, formação de professores bilíngues e apoio institucional consistente, pois os currículos das escolas públicas estão preparadas para abordar o conteúdo na língua portuguesa. Desse modo, não há material didático para trabalhar com a língua dos povos tradicionais da terra. Para Hall (2003) e Woodward (2000), esses desafios são expressões de luta contínua contra a hegemonia e a marginalização cultural, evidenciando a necessidade de políticas públicas inclusivas.

Diante da pergunta: Quais métodos/ferramentas têm usado para que os estudantes se sintam motivados a serem falantes da Língua Terena? O professor 1 respondeu: *“Usando palavras cotidianas em Língua Terena pra melhor incentivo.”* E o professor 2: *“A nossa motivação enquanto indígenas, e temos passado isso para os nossos alunos, que primeiramente que a língua materna, assim como qualquer língua no mundo, é uma ferramenta de grande valia. A gente costuma dizer que é uma arma, uma identidade que não pode ser perdida. E dessa forma conseguimos fazer com que nossos alunos tenham o ânimo de aprender a língua terena”*. Acerca disso, no entendimento de Castro-Gómez (2005), a produção de conhecimento deve estar vinculada às necessidades locais como na realidade do ensino da língua terena, isso,

para envolver a criação de materiais didáticos bilíngues que valorizem a língua e a cultura Terena, e também na formação docente. Deve haver momentos de reflexão sobre a colonialidade do saber e o envolvimento relacionada ao ensino, incentivando práticas pedagógicas descolonizadoras.

Apresentamos a última pergunta aos professores: O tempo concedido para a aula do ensino da língua Terena tem sido suficiente para os alunos aprenderem ou são necessários outros meios para que venha a contribuir com o seu trabalho? Seguem as respostas dadas pelos participantes: Professor 1: *“O tempo não é suficiente pra a nossa metodologia em língua terena”*. E o professor 2: *“Há a necessidade de se dobrar a carga horária, seria muito importante para melhor atendimento das necessidades de aprendizagem dos alunos”*. Podemos observar que, deve haver uma colaboração por parte dos familiares dos estudantes, para que haja um melhor resultado do trabalho dos professores na instituição de ensino como também carece de mais aulas, mais tempo em contato com a língua materna. Valorizar esse elemento cultural, para revitalizar/(re)conquistar tudo o que foi silenciado durante o período colonial. Diante desse contexto, Mignolo (2008), expõe que existe a necessidade da desvinculação dos pensamentos europeus, possibilitando a ampliação do conhecimento. Cujos conceitos podem ser correlacionados à necessidade de revitalizar a língua Terena, uma vez que sua inserção no âmbito educacional é uma forma de resistência à hegemonia linguística colonial e de valorização dos saberes locais.

Na sexta e na sétima entrevista, nossos participantes foram dois alunos, um do 1º e uma aluna do 3º do ensino médio, ambos estudantes da Escola Estadual Indígena Pascoal Leite Dias. Aplicada a primeira pergunta: Por que não é falante da Língua Terena? Seguem as respostas dos participantes: Estudante 1: *“Eu não sou falante porque eu não cresci com pessoas que falam”*. Estudante 2: *“Não, eu não sou falante da língua terena, pois quando eu tive a oportunidade de aprender eu simplesmente achava que não seria tão importante aprender a Língua Terena”*. Diante das respostas dadas pelos alunos participantes, percebemos que a nova geração não é falante da língua materna de seus avós, pois não convivem com pessoas falantes dessa língua. Como também não são incentivados em inserir essa língua no convívio familiar, pois no entendimento dos pais, o uso da Língua Terena pode prejudicar no aprendizado da língua hegemônica, a língua portuguesa e para conseguir um emprego. Desse modo, a Língua Terena perde o seu prestígio dentro da comunidade indígena, por ser considerada uma língua sem importância, ainda um resquício do colonialismo, de acordo com os autores decoloniais.

Nesse contexto, é importante ressaltar novamente a ótica de Mignolo (2008), sobre a desobediência epistêmica quando expõe que existe a necessidade da desvinculação dos pensamentos europeus, possibilitando a ampliação do conhecimento. Cujos conceitos podem ser correlacionados à necessidade de revitalizar a língua Terena, uma vez que sua inserção no âmbito educacional é uma forma de resistência à hegemonia linguística colonial e de valorização dos saberes locais.

Em seguida, foi feita a seguinte pergunta: Você considera importante aprender a Língua Terena? Por quê? Assim, as respostas dadas pelos participantes foram: Estudante 1: *“Na minha opinião a língua terena é sim importante, ela faz parte da história de nosso povo.”* E o estudante 2 respondeu: *“Sim, ao meu ver hoje, é de suma importância nós aprendermos a língua terena, pois é a nossa cultura, é uma parte de nós. É algo que em algum momento nós vamos precisar, talvez, a gente use para se defender, defender nosso povo.”*. De acordo com as respostas dos alunos, percebemos que eles consideram importante aprender a língua terena, pois sabem o valor dessa língua e podem (re)conquistar elementos preciosos da cultura Terena. Assim, sob a visão de Mignolo (2008), esse aprendizado linguístico também pode ser visto como um processo pedagógico de desaprender a hierarquia linguística colonial e reaprender, isto é, (re)conquistar os valores e significados da cultura Terena.

Continuamos com as entrevistas, aplicamos a pergunta: Como estudante, quais são os desafios que têm enfrentado para aprender a Língua Terena? Assim, obtivemos as seguintes respostas: Estudante 1: *“Como estudante sei que tem muitos desafios como vergonha de errar, medo de não conseguir pronunciar de forma correta”*. Estudante 2: *“No meu caso, a minha maior dificuldade são os acentos, a forma oral, inclusive a forma oral, por conta de como nós devemos pronunciar cada palavra”*.

Assim, ao observar a resposta da estudante 1, vale lembrar que estão adicionando uma outra língua, por isso, há uma dificuldade em pronunciar certas palavras como também a vergonha em errar na pronúncia, pois a Língua Terena é uma língua inserida para os estudantes aprendizes da mesma, na concepção de Leffa e Irala (2014).

Por conseguinte, podemos considerar que o ato de reintrodução da Língua Terena no ambiente escolar é uma tentativa de romper com os pensamentos decoloniais, resgatando

saberes locais e dando voz às culturas subalternizadas, silenciadas pelo colonialismo, na concepção de Castro Gómez (2005).

Realizamos então a penúltima pergunta: Tem praticado o que aprendeu da Língua Terena na escola? De que forma? Estudante 1: *“Aprendi algumas palavras, pequenas e fáceis de pronunciar.* Estudante 2: *“Sim, eu estou praticando no meu dia a dia, conversando com meus colegas, meus familiares.”* Conforme as respostas dos estudantes, podemos já visualizar os efeitos dos estudos da língua terena na instituição de ensino básico. Os estudantes já têm buscado praticar aquilo que estão apreendendo no ambiente escolar. Em alguns momentos tenho presenciado essa evolução, pois trabalho na escola onde a entrevista foi realizada, e vejo os alunos arriscando a praticar a língua terena em palavras do cotidiano, como, cumprimentar uns aos outros, fazer agradecimentos, entre outros. De acordo com Neder e Possari (2021), é importante entender que, a busca pela compreensão da linguagem não deve cessar, que a linguagem é uma prática da realidade e não atua sozinha, é preciso que esteja ligada a cultura e ao pensamento, influenciando uma a outra.

E para finalizar realizamos a última pergunta para os estudantes: O que mudou na sua vida, após o ensino de Língua Terena dentro de uma escola? Obtivemos as seguintes respostas do Estudante 1: *“Muita coisa, agora eu entendo quando outras pessoas estão falando, mas, ainda não sei falar como elas, apenas sei entender.”* E a resposta do Estudante 2: *“A língua terena mudou muito o meu ponto de vista, pois agora eu consigo ver a importância da nossa língua materna. Pois é algo da nossa natureza como o próprio nome já diz, língua terena, é tão bonito ver nossos anciões conversando na nossa língua. É algo nosso! E devemos ter muito orgulho disso.”*

Desse modo, ao analisar as respostas, notamos a positividade dos ensinamentos da língua terena. A alegria dos estudantes ao se sentirem realizados em aprender a língua materna dos avós. O preconceito que antes existia, já não é tão presente como antes. Hoje, os mais jovens estão valorizando a importância da sua cultura. A reintrodução da língua Terena no âmbito escolar deve ser vista como uma prática descolonizadora que combate a violência epistêmica e fortalece as identidades locais, promovendo a construção de um currículo verdadeiramente intercultural e pluriversal, assim a produção de conhecimento deve estar vinculada às necessidades locais. No entendimento de Castro Gómez (2005).

No próximo item, apresentamos as considerações finais, onde retomamos todos os tópicos apresentados neste trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho busquei investigar o ensino da Língua Terena na minha aldeia Limão Verde, localizada no Município de Aquidauana Mato Grosso do Sul. Para isso, apresentei a pesquisa intitulada “O Ensino da Língua Terena na Escola Estadual Indígena: uma (re)conquista. A metodologia baseou-se na pesquisa qualitativa com entrevistas semiestruturadas, em que, participaram sete pessoas, dois anciões, dois professores, dois estudantes e um líder da comunidade. Como foram realizadas entrevistas semiestruturadas, desse modo, foram elaboradas perguntas semiabertas para os participantes, afim, de obter as respostas necessárias, para atender os nossos objetivos.

Para entender o processo de construção deste trabalho. No Capítulo I, apresentamos o método e a metodologia do nosso trabalho. No Capítulo II, abordamos uma breve contextualização sobre conceitos de língua e concepção de linguagens. No Capítulo III, vimos o pensamento dos decoloniais com relação a identidade cultural. O Capítulo IV, descreveu a realidade do ensino da língua Terena na Escola Estadual Indígena Pascoal Leite Dias.

Desta forma, o trabalho relatou os efeitos que tem causado o ensino da Língua Terena na Escola Pascoal Leite Dias e constatou-se que apesar dos desafios enfrentados, como relataram os professores e os alunos entrevistados, a (re)existência vem ganhando força com essa nova visão dos mais jovens, o incentivo dos anciões, professores, lideranças como a população dessa comunidade, em revitalizar a cultura terena na aldeia Limão Verde. Desse

modo, todos os objetivos específicos apresentados, foram respondidos pelos participantes que contribuíram para a realização deste trabalho.

Enfim, como uma indígena terena, moradora da terra indígena Limão Verde, através deste trabalho, busco contribuir para que a minha comunidade se sinta motivado em (re)conquistar o que vem se perdendo da nossa cultura. São muitos os desafios que nossos antepassados já enfrentaram, mas nunca cessaram, sempre resistiram. Portanto, na mesma convicção, quero contribuir para a revitalização da cultura terena na minha aldeia.

REFERÊNCIAS

Castro-Gómez, Santiago, **Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”** CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

HALL, Stuart ; WOODWARD, Kathryn, **Identidade e Diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais** Editora Vozes, 2000.

MELIÁ, Bartomeu. **La lengua Guaraní del Paraguay**. Caracas: Monte Avila Editores / Unesco, 1983. Disponível em: <<http://www.etnolingüística.org/biblio:melia-1983-lengua>> Acesso em: 15 nov. 2024.

Mignolo D. Walter **Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política**, cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, 2008.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas**. In: MEYER, Dagmar Estermann; Paraíso, Marlucy Alves (Orgs.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza, 2014.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Pesquisas pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa**. Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 122, p. 283-303 maio/ago. 2004.

SILVA, Facunda Concepción Mongelos. **Estudantes de origem paraguaia em território brasileiro: interdições, silenciamentos, negociações culturais, linguísticas e identitárias na**

fronteira. Tese (Doutorado em Educação) -Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande - MS, 2023.

VILSON J. Leffa e VALESCA B. Irala **O ensino de outra(s) língua(s) na contemporaneidade:** questões conceituais e metodológicas, uma espiadinha na sala de aula: ensinando línguas adicionais no Brasil. Pelotas: Educat, 2014.

WALSH, Catherine (Ed.). **Pedagogías decoloniales:** prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.